

OSVALDO DOS REIS TAVARES

**SUBSÍDIOS PARA O ESTUDO DO ESPAÇO RURAL DA ILHA DE SANTIAGO:
PICOS E O SEU PATRIMÓNIO.**

Trabalho científico apresentado à Universidade de Cabo Verde para obtenção do grau de licenciatura em História Ramo Património, sob a orientação do Mestre José da Silva Évora.

Elaborado por Osvaldo dos Reis Tavares, aprovado pelos membros do júri, foi homologado pelo conselho científico como requisito parcial à obtenção do grau de Licenciatura em História Ramo Património.

O Júri:

Cidade da Praia ____/____/____

Dedicatória

Dedico este trabalho à minha estimada Mãe, que me ajudou a suportar os sacrifícios de todos esses quatro anos de formação, por tudo que tem feito por mim, pela ajuda e educação que me proporcionou.

Esta dedicatória é extensiva aos meus prezados Avós, a quem Deus lhes concederam a lucidez de me encaminhar para os estudos e pelos seus bons conselhos que me guiam e guiarão ao longo da vida. Em geral à todos os meus familiares e amigos que de uma forma directa ou indirecta me manifestaram um sentimento encorajador.

Agradecimentos

A elaboração deste trabalho foi possível graças a colaboração e determinação de várias entidades.

Pelo facto, não faria sentido se os deixasse sem uma palavra de apreço. Nesta óptica, quero deixar sob escrito os meus penhorados agradecimentos à todos aqueles que de uma forma ou de outra contribuíram para o sucesso deste trabalho.

Agradeço ao meu orientador pela dedicação, disposição e carinho a que me dedicou no momento da elaboração deste trabalho, que soube transmitir os conhecimentos com cientificidade.

Quero agradecer e exprimir com profunda gratidão ao Sr. Kaka Barbosa pela colaboração e o brilhantismo com que partilhou os seus conhecimentos.

Igualmente quero expressar os meus agradecimentos à Câmara Municipal de S. Salvador do Mundo, Picos pelas informações, dados e documentos que me forneceu.

Faço ainda, gosto em agradecer aos meus pais, aos Tios e amigos, familiares em geral, pela força, carinho e amor que me dedicaram nesta etapa tão importante da minha vida.

ÍNDICE

| | |
|--------------------------------|----------|
| ÍNDICE DE FIGURAS | 7 |
|--------------------------------|----------|

| | |
|------------------------|----------|
| INTRODUÇÃO..... | 8 |
|------------------------|----------|

CAPÍTULO I

| | |
|--|-----------|
| CONTEXTUALIZAÇÃO DOS PICOS NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DE CABO VERDE E DA ILHA DE SANTIAGO..... | 10 |
|--|-----------|

| | |
|--|----|
| 1.1 - Aspectos históricos do País e da ilha de Santiago..... | 10 |
|--|----|

| | |
|--|----|
| 1.2 - Os Espaços Rurais, Formação e Vicissitudes: O caso do Município São Salvador do Mundo..... | 13 |
|--|----|

CAPÍTULO II

| | |
|---|-----------|
| SÃO SALVADOR DO MUNDO: O ESPAÇO E AS GENTES..... | 15 |
|---|-----------|

| | |
|-------------------------------------|----|
| 2.1 - Enquadramento Geográfico..... | 15 |
|-------------------------------------|----|

| | |
|------------------------------------|----|
| 2.2 - Enquadramento Histórico..... | 17 |
|------------------------------------|----|

| | |
|--|----|
| 2.3 - Aspectos Económicos e sociais..... | 19 |
|--|----|

CAPÍTULO III

| | |
|--|-----------|
| PICOS E O SEU PATRIMÓNIO: ALGUMAS REFLEXÕES..... | 24 |
| 3.1 - Quadro teórico e conceptual | 24 |
| 3.1.1- Património: conceito e agentes..... | 24 |
| 3.2 - A Igreja enquanto referência patrimonial..... | 29 |
| 3.2.1- Valor simbólico da Igreja de São Salvador do Mundo..... | 33 |
| 3.3- As casas tradicionais..... | 35 |
| 3.3.1- Valor simbólico..... | 36 |
| 3.4 - A festa de São Salvador do Mundo como atracção principal dos Picos: exemplo de um património imaterial..... | 39 |
| 3.4.1- Os dias de festa (Sábado e Domingo) | 40 |
| 3.4.2- Festa de São Salvador do Mundo actualmente..... | 42 |
| 3.4.3-O prestígio da festa de São Salvador do Mundo..... | 44 |
| CONCLUSÃO. | 46 |
| BIBLIOGRAFIA | 49 |
| ANEXOS | 52 |
| DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA..... | 63 |

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Fig. 1 - Picos no contexto geográfico da ilha de Santiago..... | 15 |
| Fig. 2 - (os materiais e o processo do fabrico dos cestos) | 22 |
| Fig. 3 - O Monte Marquez de Pombal..... | 27 |
| Fig. 4- A altivez e rochoso Pico da Antónia..... | 28 |
| Fig. 5 – Vista parcial da Igreja de S. Salvador Mundo..... | 30 |
| Fig.6- Parte lateral direito do edifício..... | 32 |
| Fig. 7- Fachada do lado esquerdo, onde foi construído o pátio..... | 32 |
| Fig. 8- A parte traseira do edifício..... | 33 |
| Fig. 9- A parte frontal do altar..... | 34 |
| Fig. 10 - Casa tradicional com mais de um compartimento..... | 36 |
| Fig.11- Edifícios no centro do Concelho com um elevado nível arquitectónico... | 38 |

Introdução

O presente trabalho, *Subsídios para o estudo do espaço rural da Ilha de Santiago: Picos e o seu património*, vem na sequência de investigação para a apresentação de um trabalho científico de fim de curso como requisito parcial para a obtenção do grau de licenciatura em História Ramo Património. Além de obedecer este requisito, este trabalho constitui um contributo para um melhor conhecimento do Concelho de São Salvador do Mundo, situado no interior da ilha de Santiago.

Com ele procuramos estudar o espaço rural do Concelho dos Picos na perspectiva da História e do património, para procurar inserir o concelho no âmbito da história de Santiago, inventariar e analisar as referências patrimoniais, no Concelho dos Picos, analisar a importância do seu legado patrimonial no quadro do seu desenvolvimento sustentável.

A escolha deste tema justifica-se pelo facto de sentir a necessidade de aprofundar os conhecimentos teóricos obtidos nas diferentes disciplinas de Património ao longo do curso e aplicação prática desses mesmos conhecimentos no estudo de casos, privilegiando o jovem Concelho dos Picos.

A elaboração de um trabalho deste tipo exige uma postura metodológica própria e uma fundamentação teórica que se adequa com a sua perfeição. Neste sentido temos a dizer que o povoamento do interior de Santiago deveu-se, fundamentalmente as condições propícias para a agricultura. Terá iniciado, ao que tudo indica, a partir do momento em que os escravos fujões começaram a se refugiar pelos cutelos e vales, longe dos “Senhores” de Ribeira Grande. A partir de então começa a ocupação desse espaço cuja história infelizmente ainda é preciso ser estudada.

È sobre este espaço que recai o nosso trabalho de fim do curso visando, ainda que modestamente dar um pequeno tributo à história do Concelho que me viu nascer.

Relativamente a metodologia utilizada, foram realizadas um conjunto de acções que vão desde, o levantamento bibliográfico relativo ao assunto, pesquisas colaterais e entrevistas a personalidades. Foram realizadas análises e tratamento das informações recolhidas,

seguidamente a redacção das conclusões obtidas e sugestões que poderão contribuir para o enriquecimento de estudos dos espaços rurais Cabo-verdiano.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, além das partes reservadas à introdução, à conclusão, à bibliografia e os anexos. No primeiro capítulo fizemos uma contextualização dos Picos no contexto de Cabo Verde e da Ilha de Santiago para que pudéssemos compreender a sua dimensão na perspectiva da história e do património. No segundo capítulo falamos dos Picos, a sua localização, história, e actividades socioeconómicas. No terceiro e último capítulo falamos do seu património, natural e cultural, definimos os conceitos a eles referentes, fizemos a catalogação das referências patrimoniais do concelho, e ainda analisamos a sua utilidade no desenvolvimento sustentável do Concelho.

Pensamos ter conseguido atingir o objectivo que nortearam a realização deste trabalho e que o mesmo venha a contribuir para um melhor conhecimento deste jovem Concelho da ilha de Santiago, sua História e seu Património.

CAPITULO I

Contextualização dos Picos no contexto da História de Cabo Verde e da Ilha de Santiago

1.1 Aspectos históricos do País e da ilha de Santiago

Não nos cabe neste espaço e de modo nenhum, constitui o nosso objectivo dissertar sobre a problemática do povoamento das ilhas de Cabo Verde. Pretendemos sim, fazer um breve enquadramento do Município de São Salvador do Mundo no contexto da evolução histórica da ilha de Santiago, para que possamos compreender a sua dimensão na perspectiva da História e do Património. Partindo do princípio que o assunto a que nos propomos analisar não é alheio à vivência das nossas Ilhas, é justificável apresentar uma breve abordagem acerca da ocupação humana deste espaço, como forma de melhor avaliarmos o que se pretende expor ao longo deste trabalho.

O “achamento” das Ilhas de Cabo Verde, na historiografia universal é atribuído a navegadores portugueses, embora haja a hipótese delas já terem sido conhecidas anteriormente, por povos oriundos da costa ocidental africana e também pelos árabes. Contudo, isso não passa de uma hipótese carente de confirmação de fontes autorizadas. Sobre esta questão Luís de Albuquerque afirma *“que a data ou as datas do achamento das primeiras ilhas e os nomes dos navegadores que, no século XV, pela primeira vez a elas aportaram são problemas que hão-de continuar a gerar largas e talvez já inútil controvérsias, pois é difícil que para eles se encontrem respostas, já não dizemos definitivas, mas ao menos satisfatórias, apenas existem pistas, hipóteses e propostas de solução, julgadas mais ou menos credíveis, consoante os historiadores que os consideram.”*¹

Mas como já foi dito, a realidade histórica conhecida, diz-nos que elas foram descobertas por navegadores portugueses em 1460 e colonizadas por Portugal a partir dessa data. Dos diferentes relatos existentes sobre os descobridores das ilhas e as diferentes teorias abonatórias ou contraditórias relativamente ao que se disse, vamo-nos ater sobretudo ao que

¹ ALBUQUERQUE, Luís. *O Descobrimento das Ilhas de Cabo Verde*, in *Historia Geral de Cabo Verde*. Vol. I, Centro de Estudos e Cartografia Antiga Instituto de Investigação científica Tropical, Direcção Geral do património Cultural de Cabo Verde, Lisboa, Praia. 1991. P. 24

foi assumido oficialmente a respeito. Isto é, “segundo os documentos oficiais, é estabelecido que no ano de 1460 foram descobertas as cinco ilhas; Santiago, Fogo, Maio, Boavista e Sal e, dois anos mais tarde em 1462, as ocidentais, Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia, São Nicolau e a ilha Brava.”²

Quanto à identidade dos descobridores a maioria dos historiadores que versaram sobre esta questão consideram que “as cinco primeiras ilhas foram achadas por António da Noli, genovês ao serviço do Infante D. Henrique que viria a tornar-se capitão Donatário da maior ilha do arquipélago, Santiago. Enquanto a descoberta das ocidentais é feita e atribuída ao navegador Diogo Afonso.”³

O início do povoamento das ilhas deu-se de imediato, após a descoberta, começando pela Ilha de Santiago, isto porque do conjunto das Ilhas era a que, sem dúvida apresentava condições mais favoráveis. “Era maior, tinha bons portos e contava com boas nascentes de água doce”⁴, isto é, tendo em conta a ausência de outros atractivos, Santiago era a opção previsível. Em matéria de administração, a Ilha de Santiago é dividida em capitánias sendo “a parte meridional foi concedida a António da Noli e mais tarde, a setentrional a Diogo Afonso.”⁵

É pela capitania do Sul que se inicia o povoamento com sede na Ribeira Grande, tendo os primeiros povoadores instalado num profundo e verdejante vale encravado entre as ravinas. Escreve Ilídio Baleno o seguinte: “Na escolha certamente terá pesado a conjugação dos seguintes factores: haver ali água corrente em abundância (razão porque tomou esse nome) e um razoável porto de mar mesmo junto á desembocadura da ribeira, em cujas margens o primeiro povoado iria emergir. Por ser muito fértil, uma agricultura de subsistência para o agregado populacional podia, pelo menos, ser montada ali com relativo sucesso.

Para os tão necessários contactos comerciais com o exterior havia o porto, que apesar das suas pequenas dimensões e de ser traiçoeiro em determinadas épocas do ano, satisfazia as necessidades dos moradores. As ligações com o exterior passaram a ser feitas basicamente

² ÉVORA, José Silva. *Santo Antão no Limiar do Século XIX: Da Tensão Social às Insurreições Populares (1886/1894) - Uma Perspectiva Histórica*, Instituto do Arquivo Histórico Nacional. Praia. 2005.pp-19

³ Cf. CARREIRA, António. *Cabo Verde, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*. 3ªed. Instituto de promoção Cultural - Praia 2000.pp. 31,32.

⁴ BALENO, Ilídio. *Os primeiros núcleos populacionais*, in vários, *Historia Geral de Cabo Verde*. I vol. P.133.

⁵ ANDRADE, Elisa Silva. *AS Ilhas de Cabo Verde da «Descoberta» à Independência Nacional (1460-1975)*. P.35.

*através do referido porto e pode-se dizer que toda a vida do povoado e da própria ilha passou a girar em torno dele.”*⁶ Apesar desses atractivos o primeiro modelo de povoamento fracassou. Sendo assim, para promover a imigração europeia, o poder central doa um conjunto de privilégios comerciais atractivos aos moradores de Santiago, vide a carta de 1466⁷, incentivando a emigração e instalação de uma camada de moradores armadores que viria a formar a elite local.

Este documento é considerado a carta matriz do povoamento, pois através do comércio instalaram-se na Ribeira Grande um grande número de moradores reinóis e castelhanos, dando início a formação de uma próspera comunidade de moradores e vizinhos e ao surgimento de um novo contingente, os africanos. Cabo Verde passa a ter uma posição privilegiada para o tráfico de escravos, frente a costa dos escravos. Assim, “*Santiago tornou-se cedo a placa giratória da navegação transatlântica: ponto de escala e de aprovisionamento dos navios; ponto de penetração portuguesa no continente, entrepostos de escravos posteriormente exportados para Europa, Portugal, Espanha e para as Américas.*”⁸

A carta de 1472,⁹ que representa a limitação dos privilégios aos moradores de Ribeira Grande de Santiago, acabou por instituir o produtor que em razão das suas necessidades promoveria o povoamento intenso das Ilhas, visto que só o desenvolvimento dos sectores produtivos internos poderia fazer avançar o povoamento. Os armadores passaram a ser grandes proprietários rurais, uma vez que só podiam comercializar com produtos cultivados e criados na Ilha de Santiago. Sendo assim, deu-se o alargamento dos núcleos populacionais, e surgiram novos núcleos, sobretudo no interior e noutras Ilhas, para a possível prática da actividade agropecuária para o comércio costeiro. Um desses núcleos de povoamento no interior de Santiago foi São salvador do Mundo.

1.2. Os Espaços Rurais, Formação e Vicissitudes: O Caso do Município de São Salvador do Mundo

⁶BALENO, Ilídio. Op cit. P. 133

⁷ Cf. SILVA, António Leão Correia. *História de um Sahel Insular*. Praia. 1995. Pp. 19, 22.

⁸ Cf. ANDRADE, Elisa Silva. Op cit. Pp.61,62.

⁹ SILVA, António Leão Correia. Op cit. PP. 26,29

O povoamento do interior de Santiago deveu-se fundamentalmente às condições propícias para a agricultura. Terá iniciado, ao que tudo indica, com a fuga dos escravos que já no século XVI, faziam tudo o que estivessem ao seu alcance para saírem da deplorável situação em que se encontravam, começando a se refugiar pelos cutelos e vales, longe da alçada dos senhores de Ribeira Grande. É de se concordar com António Carreira, quando diz que “*o tipo de povoamento disperso predominante em Santiago, situado nos cocurutos, cutelos ou cume das montanhas, nas encostas dos montes, nas encostas ravinosas, de difícil acesso, e por vezes nas gargantas ou vales, nasceu e medrou, nos alvares do povoamento, com a fuga dos escravos em épocas anormais, em particular as de fome, e bastante quando os baluartes tocavam a rebate anunciando a chegada ou aproximação de navios piratas.*”¹⁰

Estes escravos construíram as suas primeiras habitações nestes espaços de guarida “*meramente provisória, teria resultado a fixação definitiva, espalhando-se pelos cocurutos dos montes ou pelos vales resguardados os imensos sítios com meia dúzia de funcos,*”¹¹ e com o decorrer dos tempos transformados em casas rectangulares ou quadradas de tipo portugueses.”¹²

São Salvador do Mundo é um concelho do interior desta Ilha, também conhecido por Picos, que não terá fugido a esta regra, relativamente a ocupação do seu espaço. Ao que tudo indica, o seu povoamento terá iniciado no início do século XVIII, tendo passado por vicissitudes diversas e adversas.

Falar dos espaços rurais, em particular na região dos Picos, é falar de cutelos, de grandes montanhas, de colinas após colinas, e fundamentalmente de imensos vales situados entre estas montanhas e colinas, que se encontram sempre húmidas e verdejantes durante todo o ano, com incidência nas épocas pluviosas. Estas áreas são grandes propriedades de agricultura de sequeiro e de regadio, sendo a principal fonte de vida dos seus habitantes. Nestes espaços, os grandes proprietários de terra tinham os seus “casarões”, onde guardavam os seus bens, as suas riquezas e, a classe maioritária, os rendeiros, possuíam casas de palha ou de telha, animais domésticos e seus cultivos.

¹⁰ CARREIRA, António. *Cabo Verde, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*, 2ªed. 1983. P.375.

¹¹ Habitação de tipo africano, de planta circular e cobertura cónica em colmo ou folha de coqueiro.

¹² CARREIRA, António. Op. Cit. P.373.

Hoje em dia, em toda a localidade dos Picos encontramos zonas abandonadas, casas em ruínas, campos abandonados, *hortas*¹³ desprovidas de água e transformadas em culturas de sequeiro, sinais de extensas levadas de água, tanques de outrora, secos, vestígios de árvores fruteiras que ainda resistem à secura.

Esta transformação deveu-se principalmente à falta das chuvas que esta região conheceu nas últimas décadas do século XX, provocando transformações profundas, particularmente no que diz respeito ao modo de vida dos seus habitantes. Toda essa transformação associada a falta de uma visão desenvolvimentista, obriga as populações, sobretudo a camada jovem, a abandonar as suas localidades de origem e a fixarem-se nas cidades à procura de oportunidades de emprego. Numa altura em que Picos já foi ascendido à categoria de Concelho, pensamos ser oportuno criar condições que fixem os jovens particularmente os seus quadros nessa localidade para que seja possível dar passos rumo ao seu desenvolvimento.

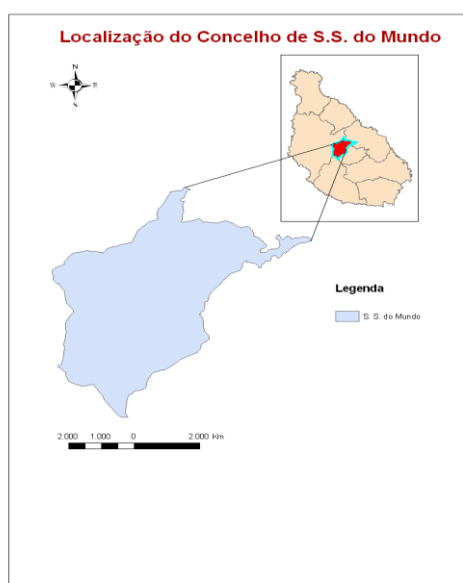
Feita esta contextualização passamos, no capítulo que se segue, ao enquadramento geográfico e histórico de São Salvador do Mundo.

¹³ Termo utilizado na ilha de Santiago para designar aos terrenos de regadio.

CAPITULO II

SÃO SALVADOR DO MUNDO: O ESPAÇO E AS GENTES

Fig. 1 -Picos no contexto geográfico da ilha de Santiago



Fonte: Gabinete técnico da Câmara de S. Salvador do Mundo.

2.1-Enquadramento geográfico

Situado no centro da Ilha de Santiago, o Concelho de São Salvador do Mundo estende-se em cerca de 31km², tem como sede administrativo a vila de Achada Igreja, Picos, pois foi ali que se afixara a sede não oficial do governo de então cidade da Ribeira Grande, a quando da sua transferência para Picos, um pequeno povoado localizado a 32km da Praia e a 4km da cidade de Assomada no Concelho de Santa Catarina. Está encravada entre quatro Municípios do interior de Santiago: Ribeira Grande de Santiago, Santa Catarina, São Lourenço (Órgãos) e Santa Cruz.

Com uma população de aproximadamente dez mil habitantes (10.000)¹⁴ espalhadas pelas suas dezoito (18) zonas de Purguera passando por Boca Larga, Fundura, Mato Madeira, e Serelho onde faz fronteira com o concelho de Santa Cruz, passando ainda de Jalalo Ramos, Mato limão, Pata brava, Covão grande, Abobreiro a Picos Acima onde fazem fronteira com o paterno Concelho de Santa Catarina.

As estruturas rodoviárias baseiam-se nos três eixos seguintes: estrada principal que liga Achada Igreja à Cidade de Assomada, uma estrada secundária que inicia em Sanção, passando por Picos Acima e Junco cruzando com a estrada principal em Cruz de Pico e uma outra estrada secundária passando por Achada Leitão cruzando com a estrada principal em Cruz de Portal. De uma forma geral, a localidade dos Picos encontra – se ligado à todos os pontos com rede viária, muitas delas não se encontram em bom estado de conservação, sobretudo nas épocas das chuvas, algumas não permite a deslocação de viaturas.

A região de São Salvador do Mundo, recentemente elevada à categoria de Concelho, dispõe de um extraordinário panorama paisagístico, sendo os aspectos geomorfológico e ambiental uma mais-valia a se conseguir desde que exploradas as potencialidades existentes. Ousamos dizer que Picos marca o início da história da exploração agro-pecuária do interior de Santiago. Situado no centro da Ilha, o Concelho goza de uma grande capacidade de receber investimentos nos domínios da agricultura, da criação de gado, do fomento do artesanato, da cultura e do turismo, propósitos almejados pelas suas gentes dentro e fora do concelho. Não obstante algumas dificuldades de ordem natural, o município programa dar passos significativos em prol do seu real desenvolvimento, melhorando a qualidade de vida das suas populações.

Relativamente aos aspectos climáticos, dizer que o microclima dos Picos enquadra-se numa grande região (saheliana) e de uma forma particular dentro da área climática de Santa Catarina onde o relevo é acidentado e favorece o aparecimento de microclimas. A zona beneficia de um clima de influência montanhosa onde as precipitações são relativamente suficientes para garantir a produção mesmo em anos de relativa escassez de chuva. Esta situação na margem oriental do Município onde a precipitação é mais abundante e apresenta relevos com altitude de cerca de 500m facilitando a queda de precipitações orográficas.

¹⁴ Recenseamento Geral da População e Habitação. Santiago – Picos. Editor INE Gabinete do censo 2000.

2.2- Enquadramento Histórico

A criação da freguesia de São Salvador do Mundo em Cabo Verde estará vinculada aos povos colonizadores e povoadores aquando da Expansão Marítima Portuguesa. António Carreira, afirma que *“ao procurar esclarecer as origens do seu povoamento, tem-se apontado fidalgos portugueses, alguns genoveses e espanhóis ou seus descendentes e alguns flamengos por ali mandados pelos reis e príncipes.”*¹⁵

Reafirma ainda o mesmo autor que, *“todas as nações europeias que se lançaram na descoberta ou na conquista de terras a partir do século XVI, e na pegada dos portugueses – Espanha, França, Holanda, Inglaterra etc. ...”*¹⁶

Pode-se concluir que o nome atribuído à freguesia de S. Salvador do Mundo só pode ter duas origens: a Portuguesa ou Espanhola.

No que concerne à data da sua fundação, não pudemos precisar como gostaríamos. Conseguimos apenas subsídios, através dos quais se pode situar a data da criação da freguesia de S. Salvador do Mundo.

Dom Paulino Évora regista que *“a fundação da diocese de cabo Verde foi a 20 de Maio de 1532, no reinado de D. João III”*¹⁷.

Na mesma obra podemos ler: *“ Em 1572, já havia algumas freguesias como: Nossa Senhora da Graça - Praia; Santo Amaro - Tarrafal; S. Nicolau Tolentino - S. domingos; Santiago – Santa Cruz; São Filipe – Fogo; S. João da Ribeira de António - Santiago; Nossa Senhora da Luz das Alcatrazes; São Jorge dos Órgãos; Santa Catarina do Mato, São Miguel da Ribeira dos Flamengos e São Lourenço do pico da ilha do Fogo”*¹⁸. O mesmo autor prossegue afirmando que, na segunda metade do século XVI, existiam já onze freguesias, mas não faz referência à de S. Salvador do Mundo, o que podia ser conducente à ideia da sua não existência até à data.

¹⁵ CARREIRA, António. *Cabo Verde, Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata (1460-1878)*, 2ªed.1983. P.295.

¹⁶ Idem, ibidem, p.297

¹⁷ EVORA, Dom Paulino. *História da Igreja de Cabo Verde/ 450 anos da Igreja em Cabo Verde*. Praia, Janeiro de 1983.p.21

¹⁸ Idem, ibidem, p.23

Contudo, apreendemos que “o Il.mo D. Fr. Vitoriano Portuense, religioso de S. Francisco de província da Soledade, tinha 30 anos de idade quando foi nomeado Bispo. Chegou à ilha de cabo Verde em 17 de Abril do ano de 1688.

Fez a igreja na freguesia de S. Salvador do mundo, nos Picos, ainda que não acabou, porque vindo a cidade pelo Natal, nela adoeceu e faleceu em Janeiro do ano de 1706, ficando a igreja sem ainda cobrir. Mas como antes da sua morte tinha pedido ao Chantre António Soares Vieira, que depois que ele falecesse a fosse concluir e este lhe desse palavra de o fazer assim, não tardou muito que se não completasse”¹⁹.

Tinha prometido fazer outra freguesia nas terras de Boaventura, do morgado do Capitão dos Cavalos, Nicolau da Fonseca Araújo, prometendo este dar toda a cal, materiais e telha, como tinha dado para a Igreja de Picos por estar assim uma parte como outra distante dos paroquianos, como ainda hoje experimentam os moradores das ditas terras de Boaventura.

A conclusão a que chegamos é a de que esta freguesia embora não referida no conjunto das freguesias enumeradas num dos parágrafos anteriores é mais antiga do que a de Santa Catarina. Pelos dados do texto ela existiu após 1706, data em que a Igreja já se encontrava em construção. Nessa altura, segundo o doutor Santa Rita Vieira, Santa Catarina pertencia à freguesia de S. Salvador do Mundo e esta funcionou como sede do futuro concelho de Santa Catarina a partir de 1834, aquando da transferência da sede do Concelho da Cidade da Ribeira Grande para Picos.

Com a tomada desta importante medida, o interior de Santiago e em particular a Freguesia de São Salvador do Mundo, era candidato ao desenvolvimento apesar das dificuldades que se fazia sentir, nomeadamente a falta de recursos.

Não obstante a importante e privilegiada função por ela desempenhada enquanto sede do concelho, coisa que não durou muito tempo, outras freguesias vizinhas asseguraram noutros tempos a qualidade de sede administrativa, acabando por se situar definitivamente na freguesia de Santa Catarina dando origem à Vila de Assomada.

Desta forma, a freguesia de São Salvador do Mundo só se autonomizou de Santa Catarina, ao nível paroquial, a partir da fundação daquela, passando ambas a dispor de sacerdotes

¹⁹ CARREIRA, António. *Noticia Corográfica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde*. Instituto Cabo-verdiano do livro, Lisboa, 1985. Pp.47,48.

residentes. Largos anos se passaram após a constituição das duas paróquias, sem que em momento nenhum fosse instalado nos Picos sequer a sede de uma agência administrativa pelo que dependia, primeiramente da Praia e só muito mais tarde foi anexa à sede administrativa de Assomada. Dependência esta que não trouxe benefícios de fundo para os Picos e às suas gentes, devido aos recursos financeiros que foram na maior parte dos casos aplicados na vizinha freguesia de Santa Catarina.

Após ter passado por vicissitudes diversas, finalmente à 19 de Julho de 2005, foi criado o município com o nome do Santo da freguesia, medida que abriu perspectivas de futuro para toda a região. Com isso, São Salvador do Mundo passou a ser um Município a dar passos significativos em direcção ao seu desenvolvimento com o apoio da sua população que é maioritariamente jovem, representando uma grande força de trabalho, beneficiando assim de alguns investimentos que ira servir para o desenvolvimento de um dos mais novo e autónomo Concelho da Ilha de Santiago.

2.3- Aspectos económicos e sociais

Estas localidades também não foram imunes as alterações provocadas pelo homem decorrente das actividades económicas como agricultura, pecuária, silvicultura. As tecnologias rudimentares utilizadas na agricultura têm favorecido a erosão, sobretudo a hídrica. As vertentes cultivadas a seco encontram-se desprotegidos, isto é, sem vegetação antes da queda das primeiras chuvas, o que torna mais vulneráveis à fenómenos erosivos.

O tipo de cultura, baseada em milho e feijão é predominante ao longo desta localidade na época pluviosa, e o tipo de tratamento que lhe é dado, também contribui para aumentar o processo erosivo. Contudo não se nota só os aspectos negativos da actividade humana, mas também algo de positivo resultante da intervenção humana, nomeadamente os trabalhos de conservação do solo, construção de banquetas, cobertura vegetal, diques etc.

Como foi dito anteriormente, São Salvador do Mundo tem uma população de dez mil (10.000) habitantes²⁰ na sua maioria jovem, sendo mais de metade do sexo feminino. Tem uma densidade populacional das mais elevadas entre os municípios rurais (343.7 habitantes

²⁰Recenseamento Geral da População e Habitação. Santiago – Picos. Editor INE Gabinete do censo 2000.

por cada km²) de Santiago. A zona de maior concentração populacional é Picos Acima seguidos de Achada Igreja, Achada leitão e Leitãozinho.

Por se localizar numa Ilha predominantemente agrícola e na parte rural, com um microclima propícia para a agricultura e outras actividades a ela ligada, é de esperar que a agropecuária seja a actividade principal dedicada pelas populações. No entanto, as actividades comerciais também são praticadas com destaque pelas mercearias com maior densidade em Achada Igreja, onde fica situada a sede do Concelho. Aproveita de um pequeno mercado que ali existe para se fazer a feira dos produtos diversos particularmente nos dias que se celebram as missas.

Ao longo desta localidade, em função da época do ano pode-se deparar com dois tipos de agricultura, a de sequeiro e a de regadio, sendo o primeiro com mais expressão, dado às características geomorfológicas do local e a escassez de água. É praticada em todas as encostas com declives suaves e inclinadas, durante a época pluviosa.

Os produtos cultivados no sequeiro são: o milho e os feijões e constitui a base alimentar da população. Essa pratica é feita em regime policultural, com aplicação de técnica tradicional e o rendimento é baixo. A produção é destinada ao consumo familiar mesmo em ano de “boas águas”. O terreno é preparado na estação seca, nos meses de Maio e Junho, começando pelo corte e derrube de árvores e queimada com a finalidade de obter lenha e mais espaço para cultivo. A prática de agricultura nas encostas vem provocando a degradação do solo e esta é combatida através da construção de diques, arretos, banquetes e barreiras vivas e da reflorestação.

No regadio, os agricultores em ano de “boas águas”, aproveitam a água corrente para produzirem culturas de regadio de ciclo produtivo relativamente baixo tais como: batata comum e batata-doce, couve, repolho, tomate, entre outros produtos como bananeira, cana-de-açúcar, que é utilizada no fabrico da aguardente, etc. Ainda na localidade encontramos algumas zonas onde se usa o sistema irrigação gota - a - gota nas culturas de regadio. É uma técnica que exige muito custo, portanto, sendo uma localidade em que os recursos são fracos nem todas as pessoas que dispõe de terras férteis têm condições para aquisição do sistema. Este sistema é aplicado nalgumas zonas como: Manhanga e Mato Forte contemplado no âmbito da implantação da bacia hidrográfica nesta ribeira dos Picos.

A localidade dos Picos apresenta altas potencialidades para o sector da pecuária, pois a base forrageira é abundante, sobretudo nos anos de boas chuvas. Praticamente cada elemento do agregado familiar é criador de animal, pois, segundo as entrevistas realizadas a população no decurso da nossa pesquisa, essa actividade complementa a agricultura e rentabiliza a economia da família.

O regime de exploração desta actividade é iminentemente tradicional, ou seja, em pequenas barracas encurraladas ao lado da casa e dentro da propriedade familiar, sem separação entre as diversas espécies (bovino, caprino, suínos entre outros.), embora haja zonas onde a pastagem se faz livremente. Os porcos são criados em pocilgas, em cima do terraço e nos quintais. As aves são criadas à solta, isto é, a organização é tudo do tipo familiar.

O sector do comércio nesta localidade ocupa uma fraca expressão, apenas encontram-se mercearias, pequenos armazéns de pequeno porte.

Em quase todas as mercearias vendem-se produtos da primeira necessidade (arroz, milho, açúcar, óleo, bebidas, etc.).

Tal como a agricultura e criação de gado, o artesanato é uma outra actividade económica praticada na localidade dos Picos, só que por um número reduzido de pessoas. Ali existem artesãos que confeccionam diversos produtos artesanais como por exemplo: Chapéu de palha e esteiras – na zona de Fundura; panos de terra – na zona do Ilhéu; balaies²¹ – nas zonas de Achada Leitão, Manhanga e Picos Acima.

A tecelagem nos Picos constitui uma actividade bastante antiga. Segundo os nossos entrevistados não se sabe ao certo a quanto tempo nem quem seria o primeiro nesta localidade a praticar tal actividade. Temos a informação, por exemplo, de uma pessoa que aprendeu com a mãe que por sua vez aprendeu com o pai que nasceu no ano de 1886 e que, segundo ouviu dizer, desde muito jovem praticava esta actividade. É o exemplo do quão antigo é a cestaria nesta freguesia, mais concretamente nas zonas de Achada Leitão, Manhanga, Picos Acima onde até agora é uma prática. Se para uns o exercício desta actividade é motivo de prazer, para outros nem por isso, ou seja, é a forma de ganhar o pão de cada dia.

²¹Balaies são os diversos cestos de uso doméstico e de decoração.

Os produtos artesanais são feitos a partir do mesmo material, isto é, o carriço, a tara, a fita, a vara que por vezes são adquiridos no local, por vezes são procurados noutras localidades bem mais distantes, como são os casos de tara que vem de Santa Cruz e fita que é trazida da Cidade da Praia.

Fig. 2 (os materiais e o processo do fabrico dos cestos).



Foto: Autor

O Concelho de São Salvador do Mundo possui um conjunto de potencialidades naturais e sociais como o clima ameno e atractivo que favorecem o desenvolvimento do turismo rural, a irregularidade morfológica que propicia a promoção das actividades ligadas ao turismo de montanha, o leito das suas grandes ribeiras que são autênticas “cachoeiras” na ocasião das chuvas, os limites fronteiriços com quatro concelhos vizinhos a saber: Santa Catarina, São Lourenço dos Órgãos, Santa Cruz, e Ribeira Grande de Santiago, uma cultura baseada nas festas tradicionais, comemorações religiosas, gastronomia aliada a episódios históricos rica e diversificada, aspectos que favorecem o desenvolvimento do turismo local.

Contudo, estas potencialidades não estão ainda devidamente aproveitadas, pelo facto do turismo não constituir ainda um sector dinamizador do desenvolvimento da economia local.

Apesar do que se disse a este respeito é de salientar algumas fragilidades com que o Concelho se debate e que precisa de encontrar as vias para eliminar, dando lugar ao aparecimento da actividade turística baseada na construção de infra-estruturas de alojamento, no abastecimento de água e energia, no saneamento do meio, na produção agro-pecuária, no desenvolvimento e qualificação do artesanato e dos recursos humanos no sentido de fazer

despertar nos investidores o interesse em tirar proveito das valências de que dispõe o Concelho de São Salvador do Mundo.

CAPITULO III

PICOS E O SEU PATRIMÓNIO: Algumas reflexões

3.1- Quadro teórico - conceptual

“A noção de Património Cultural entendida como um conjunto de testemunhos ou valores herdados (não no sentido restrito de bens deixados por um familiar, mas no entendimento mais amplo da herança colectiva, constituída pelos valores mundiais, nacionais, regionais ou locais, outrora usufruídos pelos nossos antepassados) é recente, o que conduz à necessidade de consciencializar Homens e Estados para a preservação dos respectivos legados culturais.”

João Lopes filho. Introdução à Cultura Cabo-Verdiana.P.23

3.1.1-Património: conceito e agentes

Conforme Eduardo Jorge Esperança, *“o património é uma expressão antiga que tem vindo a assumir sentidos diferentes no decorrer do tempo e da história, «Patrimónium», termo romano que dizia respeito a legitimidade familiar envolvida na herança, em particular sobre os seus direitos e propriedades.”*²²

A expressão define na origem, a relação particular entre o grupo, juridicamente definindo os bens materiais concretos que se agrupam sob o nome de património. De certo modo a relação patrimonial é sempre uma relação de posse, concretizada na propriedade de objectos materiais e imateriais, que hoje mais se actualiza no que essa relação tem de simbólico e transcendente.

Esta nova dimensão do termo, na linguagem oficial do uso comum, é uma junção recente que abrange todos os bens. É o elo entre o passado e o presente que nos permite conhecer a tradição, a cultura e até mesmo saber quem somos. Desperta o sentimento de identidade.

Nesta linha João Lopes Filho define património como *“todos os documentos, e/ou objectos, bem como as respectivas configurações (ou seja, todas as estruturas materiais «reais ou virtuais»), relativamente aos quais os indivíduos, legítimos representantes da*

²² ESPERANÇA, Eduardo Jorge. *Património e Comunicações: Políticas e Práticas Culturais*, Cruz Quebrada, Vega 1997, Pp.17 22.

sociedade, decidem ser possuidores de qualidades que permitam servir de instrumento de retroacção ou feedback social (colectivamente).”²³

Constata-se que o património pode ser classificado em natural e cultural. O património natural é entendido como: *“os monumentos naturais constituídos por formações físicas e biológicas ou por grupos de tais formações com valor universal excepcional do ponto de vista estético ou científico; As formações geológicas e fisiográficas e as zonas estritamente delimitadas que constituem habitat de espécies animais e vegetais ameaçadas, com valor universal excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.”²⁴*

E o Património Cultural abrange por sua vez *“os monumentos que são obras arquitectónicas, de escultura ou pintura monumentais, elementos de estruturas de carácter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos com valor universal excepcional do ponto de vista da história, da arte ou da ciência; Os conjuntos de construções isoladas ou reunidas que, em virtude da sua arquitectura, unidade ou integração na paisagem, tem valor universal excepcional do ponto de vista da historia, da arte ou da ciência.”²⁵*

A legislação Cabo-verdiana nomeadamente a lei Nº 102/III/90 de 29 de Dezembro²⁶ evidencia que o património cultural cabo-verdiano é constituído por todos os bens materiais e imateriais que, pelo seu valor próprio, devem ser considerados como de interesse relevante para a preservação da identidade e a valorização da cultura Cabo-verdiana através do tempo.

À luz dessa lei, relativamente a Cabo Verde, entende-se por património cultural o *“conjunto de bens materiais e imateriais criadas ou integrados pelo povo Cabo-verdiano ao longo da história, com relevância para a formação e desenvolvimento da identidade cultural Cabo-verdiano.”²⁷* O património cultural material é constituído por bens móveis e imóveis. O património cultural material imóvel são os que fazem parte do património cultural e não são susceptíveis de mobilidade, tais como monumentos históricos, monumentos naturais e sítios.

²³ FILHO, João Lopes. *Introdução à Cultura Cabo-verdiana*, Instituto Superior de Educação – Republica de Cabo Verde, Praia, 2003, P.24

²⁴ Convenção para a protecção do Património Mundial Cultural e Natural, UNESCO, Paris – 16. Nov. 1972. P. 15

²⁵ Idem, Ibidem P.14

²⁶ A presente Lei tem por objectivo a preservação, a defesa e a valorização do património cultural Cabo-verdiano.

²⁷ B.O Lei nº102 /III/90 de 29 de Dezembro, Praia Imprensa Nacional. 1990. P.13 e seguinte.

Enquanto o património cultural material móvel são os que fazem parte do património cultural e são susceptíveis de mobilidade no espaço, tais como mapas, gravuras, documentos relativos, mobiliários, objectos de arte popular, que se encontra nos edifícios ou que no interior do dos edifícios ou deles tenha sido retirado.

O património cultural imaterial são os que constituem elementos essenciais da memória colectiva do povo, tais como a história e literatura oral, as tradições populares, os ritos e os folclores, a língua nacional e a oficial e ainda as obras do engenho humano e todas as formas de criação artística e cultural independentemente do suporte ou veículo por que se manifestam.

A mencionada legislação apresenta igualmente um conjunto de conceitos relacionados com o nosso objecto de estudo designadamente: bens imóveis,²⁸ monumentos históricos,²⁹ conjuntos arquitectónicos,³⁰ sítios históricos,³¹ Habitações.³²

No nosso trabalho vamos tentar enquadrar as definições acima apontadas no concelho dos Picos, interior de Santiago, a fim de clarificar questões que se prendem com o seu legado patrimonial, nas suas várias acepções. Começamos pelo seu património natural.

Se os elementos que conformam o património cultural (tangível e intangível) são fruto da inter-relação histórica, homem ambiente, não podemos deixar de atribuir o conceito de “paisagem cultural” ao território no qual se localizam os referidos bens. Uma paisagem cultural que, evidentemente, forma também parte do património natural de São Salvador do Mundo. Neste aspecto São Salvador do Mundo dispõe de uma extraordinária qualidade paisagística, as suas montanhas, o relevo, a disposição das casas, paisagem esta que é percebida da estrada que dá acesso ao Concelho.

²⁸ Os que fazem parte do património cultural e não são susceptíveis de mobilidade, tais como: construções, monumentos, conjuntos locais, sítios entre outros.

²⁹ Definido como obras de arquitectura, composições importantes ou criações mais modesto, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico, técnico ou social, incluindo as instalações ou elementos decorativos que fazem parte integrante destas obras, bem como as obras de cultura ou de pintura monumental.

³⁰ Agrupamentos arquitectónicos urbanos ou rurais de suficiente coesão, de modo a poderem ser delimitados geograficamente, e notáveis, simultaneamente, pela sua unidade ou integração na paisagem e pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico, científico e social.

³¹ Obras do homem ou obras conjuntas do homem e da natureza, espaços suficientemente característicos e homogéneos de maneira a poderem ser delimitados geograficamente, notáveis pelo seu interesse histórico, arqueológico, artístico científico ou etnológico.

³² Construções com significado cultural, que representam a expressão ou testemunho da criação humana ou evolução da técnica neles, incluindo o que se encontrar no interior das habitações ou casas ou que delas tenha sido retirados ou recuperados.

O Monte Gulilancia mais conhecido por Marquez de Pombal (fig. 3) simboliza um verídico cavaleiro desafiando o futuro ante a altivez do Pico de Antónia, perfil basáltico aliciador da afeição dos visitantes nacionais e estrangeiros, que cunha de forma ímpar a paisagem desta região e, por isso mesmo, Picos, nome popular, fonte de uma identidade própria e de linhagem de leitos onde as cachoeiras de Setembro esverdeinham a alegria dos camponeses e as margens de robusta flora. As autoridades locais, tudo estão a fazer para a sua classificação como monumento natural.

Fig. 3- O Monte Marquez de Pombal



Fonte: Gabinete técnico da Câmara Municipal de S. Salvador do Mundo

A serra do Pico da Antónia, (fig. 4), onde se encontra o ponto culminante da ilha de Santiago, a 1392ms, localizada na cabeceira do Município de São Salvador do Mundo, tem uma grande riqueza florística como é o caso de *Globularia amygdalifolia* (Mato-Botão), arbusto endémico que pode alcançar 2m e que se encontra em perigo de extinção. Ainda ao longo da localidade dos Picos encontramos plantas com interesse botânico como é o caso de dragoeiro, poilão entre outras. Constitui um prazer a observação da sua beleza cénica, atrai muitos turistas, e é utilizado muitas vezes para a prática do alpinismo.

Fig. 4- A altivez e rochoso Pico da Antónia



Fonte: Gabinete técnico da Câmara de S. Salvador do Mundo.

No espaço que recai a nossa análise o património mais visível é o construído. Assim, torna-se necessário também definir este conceito a fim de poder enquadrá-lo no contexto da realidade que propomos estudar. É *“constituído por todos os edifícios – ou conjuntos de edifícios capazes de desempenharem uma ou várias funções sociais, ainda que diversas daquelas para que foram criadas e que evidenciam um carácter cultural que os torna, ainda que não únicos, insubstituíveis e que por isso mesmo, devem ser preservados.”*³³

Nesta definição podemos constatar dois vectores principais. A função social do edifício e a evidência do seu carácter cultural. O edifício tem de ter serventia humana, que pode ser diversificada e deferente do inicial. Quanto ao significado cultural, o edifício tem que falar a quem o observa.

Ao longo desta localidade, sobretudo em Achada Igreja encontra-se alguns edifícios construídos com elevado valor arquitectónico e histórico que foram as antigas residências dos administradores ou das pessoas da classe média. Também encontra-se ali a Igreja de São Salvador do Mundo com elevado valor simbólico e arquitectónico. Ainda no interior do

³³ GUIMARAES, Joaquim. A. Gonçalves. *Problemática do património*, In: Revista Africana, Numero Especial – Setembro, VII Ano, Universidade Portucalense/Arquivo Histórico Nacional de Cabo Verde, Porto, Setembro 1993.P- 57.

concelho em várias localidades encontramos, algumas edificações que simbolizam a presença dos morgados nesta localidade.

3.2- A Igreja enquanto referência patrimonial

A Igreja de São Salvador do Mundo foi criada pelo bispo D. Vitoriano de Portuense, que morreu a 21 de Janeiro de 1705 antes de terminar a construção da Igreja Matriz. Diz-nos Santa Rita Vieira que, para complementar os serviços de edificação, “*o Capitão da Cavalaria, Nicolau da Fonseca Araújo, que representou o vínculo de Serrado, apoiou com a cal e outros materiais e telha para a cobertura daquela que iria ser a igreja dos Picos, sede da freguesia ricem criada.*”³⁴ Este Capitão, que quis mostrar a sua generosidade, havia prometido ao então bispo que, para além das contribuições dadas para a citada Igreja, disponibilizaria também os materiais que fossem necessários para a Igreja.

Com isso, pode-se confiar que o então Capitão de Cavalaria fosse um dos protagonistas para a construção daquela que è hoje um elemento emblemático, um Património Edificado, desta comunidade, a Igreja de São Salvador do Mundo. Uma Igreja que, pela sua localização e arquitectura desperta a atenção, não só dos que visitam a freguesia como também de todos os que por ali passarem em direcção à Santa Catarina, Tarrafal e São Miguel. Do mesmo modo, pelos que vêm em direcção à Órgãos, São Domingos ou cidade da Praia. Essas referências fazem sentido uma vez que, São Salvador do Mundo é passagem obrigatória para os concelhos acima referidos.

O edifício em estudo, (fig.5) tem uma planta de eixo longitudinal bem acentuada, extraordinariamente compacta e de forte unidade. Tem o estilo de Igreja salão. O seu traçado em forma de cruz latina, com características de basílica paleocristão, com o centro na cabeceira e ao lado dois braços de transepto. A sua construção foi com o objectivo de receber grande número de fiéis, podendo desta forma compará-la às igrejas de peregrinação.

³⁴ VIEIRA, Henrique Lubrano de Santa Rita. *A Vila de Assomada*, Praia Associação dos Amigos do Concelho de Santa Catarina. 1993.op cit. P.13

A altura da nave e o foro do tecto são um desafio para dar grandeza e majestade à casa do Senhor.

Fig.5 – Vista parcial da Igreja de S. Salvador Mundo



Foto: Autor

Na parte frontal do edifício, deparamos com uma construção de parede lisa, com elementos geometrizarantes, como são os casos de círculo, rectângulo e triângulo.

Também nesta parte se pode verificar a existência de três portas principais, simétricas equidistantes entre si, sendo a do meio a maior e as outras duas que ficam do lado direito e do lado esquerdo do mesmo tamanho, que dão acesso ao interior do edifício. Estão encimados por um arco de volta perfeita, que envolve todas as três portas.

As portas são de madeira e ornamentadas com pequenos quadrados, triângulos e rectângulos.

Pode-se observar duas torres, dando sensação de compressão do edifício e dá a ideia do alongamento e grandeza do mesmo. Com três janelas de forma rectangular, duas vidradas e uma gradeada e, por cima um círculo com função de rosáceas, em ambas as torres. Estas, rodeadas de pequenas *cornijas*³⁵ também em forma de triângulo, protegem do deslizar da água das chuvas nas paredes.

³⁵ Uma moldura em ressalto que corre ao longo do edifício, protegendo as paredes da água das chuvas.

As torres desta Igreja são um imponente prisma quadrangular de cúpula piramidal, terminado por uma cruz. A sua cobertura é de betão armado e em quatro abas.

No interior da torre sineira, do lado direito do edifício, há uma escadaria de betão em espiral, que dá acesso ao coro e, ao sino que fica na mais alta janela.

A parte frontal da nave encontra-se ligeiramente à frente das torres, dando assim a sensação de existência de *pilastras*,³⁶ impressionando a divisão do edifício em três partes. Por isso, é de realçar que há um desequilíbrio na construção.

Na parte superior, em cima do arco, existem duas janelinhas paralelas e simétricas, encimadas, com efeitos ornamentais e, entre elas, uma rosácea que pode ser consideradas *clarestórios*,³⁷ transmitindo os reflexos luminosos para o interior do edifício.

Na fachada lateral direita (fig. 6) encontramos cinco janelas de grande dimensão, principalmente no sentido vertical, equidistante entre si, todas vidradas com efeitos ornamentais triangulares nos lintéis.

À semelhança da fachada principal ou frontal, a parede é lisa e com cornija; há ainda, uma porta simples, ornamentada com quadrados e rectângulos e, *lintel*,³⁸ *mainel* e *ombreira*.³⁹

Pela posição em que se encontram as janelas, fica a sensação de que o edifício está dividido em dois pisos.

As janelas são alongadas e estreitas com as mesmas características das da parte frontal.

Há ainda uma sacristia/ou *transepto*⁴⁰ coberto de telha lusálite em duas águas e tem uma porta com mesma característica da parte lateral, mas com terminal abobadada, que dá acesso ao altar. Dispõe também de duas janelas um de cada lado (lateral e traseira da mesma sacristia).

³⁶ São pilares de secção rectangular, embebido numa parede. A sua função é mais decorativa do que estrutural.

³⁷ Uma fiada de janelas na parte superior de uma parede, particularmente numa igreja, situado no alto das naves, eliminando assim as naves.

³⁸ A peça de madeira ou de pedra horizontal, inserida sobre um vão, de modo a suportar o peso da parede.

³⁹ Os lados verticais do vão de uma parede ou de uma porta, cortados obliquamente na parede.

⁴⁰ Uma extensão ou corpo de um edifício, particularmente numa Igreja, dispondo transversalmente em relação ao eixo principal.

Fig.6- Parte lateral direito do edifício



Foto: Autor

Relativamente à fachada do lado esquerdo, apresenta as mesmas características do lado direito, isto é, simétricas e equidistantes.

Com o aumento dos fiéis, houve a necessidade de alargar o espaço. Sendo assim, foi criado no átrio, um novo altar que fica na fachada esquerda. Ali, celebra-se a eucaristia aos domingos e nos dias de festas. É um altar simples, coberto de betão armado e uma varanda balaustrada de ferro que separa o altar do lugar onde fica os fiéis.

Ao longo do pátio existe plantas para assombrar as pessoas durante a celebração da eucaristia (fig. 7)

Fig. 7- Fachada do lado esquerdo, onde foi construído o pátio



Fonte: (tirado pelo Autor)

Na parte traseira, (fig.8)., em semelhança da fachada principal há um certo desequilíbrio e harmonia, mas nota-se elementos geometrízastes como círculo e quadrados. Na sua maioria o

edifício é de pedra, coberta de betão armado, com cornija tal como nas fachadas anteriormente descritas.

Fig. 8- A parte traseira do edifício



Fonte: Autor

3.2.1- Valor simbólico da Igreja de São Salvador do Mundo

Trata-se de um templo com uma magnífica estatura física. É ampla e eleva-se em altura e comprimento, para dar sinal de grandiosidade cristã. O templo representa a presença de Deus, espelhando assim o valor da santidade. É um lugar onde os fiéis se reúnem para pedir, louvar e agradecer a Deus, manifestando deste modo, o elevado respeito por um lugar sagrado, próprio para o culto.

Assim, vê-se a predominante exposição da cruz, isto é, nas torres, na parte frontal, nos vidrais das janelas e por todo o interior. Segundo o pároco local a cruz simboliza o sofrimento, por um lado, (lembrando a angústia de Cristo quando carregava a cruz sobre os seus ombros) e, por outro lado a redenção.

As duas grandes torres que ali se encontram, dão uma certa estética ao edifício, mas também simbolizam o prestígio, emblema arquitectural da pujança, uma vez que as torres sempre foram sinal de poder de autoridade. No interior da Igreja, ao fundo do altar, lugar mais claro devido a predomínio de vidraças de cores diferentes, há uma cruz enorme na qual se encontra Jesus crucificado derramando sangue e, sobre a cabeça uma coroa de espinho, traduzindo para os fieis o sentimento de dor.

Ao pé dessa enorme cruz fica o sacrário que, ao lado, tem uma velinha acesa permanentemente, simbolizando a presença de Cristo. Dentro do sacrário estão os cibórios com hóstia consagrada que significa o corpo de Cristo. E que por isso, todos que tiverem de passar em frente devem, como sinal de respeito, fazer genuflexão inclinando a cabeça.

Ainda no altar, em frente do sacrário, há uma mesa à volta da qual ficam o sacerdote e os colaboradores da eucaristia no momento da consagração da hóstia, simbolizando a comunhão entre a Igreja – povo de Deus. É o momento da descida do Espírito Santo.

Fig. 9- A parte frontal do altar



Foto: Autor

Verifica-se também uma sucessão de vasos com flores, de cores variados, que para além de ornamentar o espaço, traduzem o sinal de alegria, dando sensação de um lugar santo.

Dos dois lados do enorme arco, que delimita o altar, encontram-se duas imagens, sendo do lado esquerdo a virgem santa e do lado direito o São José, ambos com um rosário na mão.

A disposição destas duas imagens e da do crucifixo dá a sensação de representar as três pessoas da santíssima trindade.

Ao longo do edifício, nas fachadas laterais, existem dez janelas, cinco de cada lado, todas em forma de rectângulo na sua posição de menor largura, terminado, em forma de triângulo.

Estas janelas são de vidros coloridos, difusores da luz diurna para o interior do edifício, transmitindo assim uma clareza de cores misturadas, conforme as cores dos vitrais da janela.

A reflexão da luz do sol, através dessas janelas, nas paredes da nave e do altar oferecem uma ideia de efeito maravilhosamente vibrante, levando as pessoas a pensarem no milagre. (fig. 9).

Para além da Igreja, existem outras edificações que constituem referências históricas do concelho e, naturalmente também merecerão alguma atenção no quadro do estudo que propomos desenvolver sobre Picos e o seu património.

Referimo-nos, nomeadamente as casas tradicionais.

3.3- As casas tradicionais

Verónica Freire, identifica as habitações tradicionais como formas construtivas da arquitectura, que nasceram com a sociedade cabo-verdiana e acompanharam a sua evolução, ao ponto de mostrar que *“o povo cabo-verdiano é o resultado, em grande parte de uma mistura étnica e cultural dos europeus, portugueses na sua maioria, os africanos, principalmente da chamada Costa da Guiné. Essa mistura segundo a mesma, reflecte-se tanto na sua língua como na literatura, na arte, na arquitectura, na tradição oral, na música enfim em todas as suas manifestações culturais.”*⁴¹

Corroborando, o arquitecto António Pedro, evidencia que *“as habitações do tipo aqui abordado a que o mesmo também designa de populares, surgiram a partir das tradicionais (de origem Portuguesa) que no fundo constitui o núcleo inicial daquelas. Esse núcleo geralmente com as dimensões padronizadas é feito de paredes de pedra (solta ou argamassas com argila que evoluiu para cal e mais tarde para cimento e areia) com cerca de 40cm de espessura”*.⁴²

Referindo-se à casa rural em Cabo Verde, onde se enquadra o interior de Santiago, Oliveira Marques escreve, salientando que a sua situação muito próximo da África, bem como o tipo de colonização efectuada, fez *“coexistir dois tipos de casa, o de planta circular e o de planta rectangular”*.⁴³

⁴¹ FREIRE, Verónica dos Reis. *A Experiência Cabo-verdiana no domínio do Património*. In: **Revista Africana**, nº especial. Porto. Universidade Portucalense. 1993. P. 65.

⁴² BETTENCOURT, António Pedro Mendes. *Auto-construção assistida na produção de habitação popular a baixo custo*. In: **Revista Construção**. Nº 3, semestral Ano II. Julho de 2000. P. 59

⁴³ MARQUES, A H. Oliveira. *Nova História da Expansão Portuguesa. A Colonização Atlântica* (vol. III-tomo 2). Lisboa. Ed. Estampa. Setembro de 2005. P.203.

Perante o mesmo autor a casa circular eram de paredes baixas, geralmente de pedra solta, cobertura cónica do colmo, com uma porta ou no máximo duas, no mesmo enfiamento e constituída por uma única divisão. O seu modelo parece ter sido originado no *funco* habitação de tipo circular africano. As casas de planta rectangular as paredes eram de pedra com barro, com cobertura de duas ou quatro águas, folhas secas de cana-de-açúcar ou de palmeira, palha branca e colmo. Ainda o autor nos diz que, a origem portuguesa desta tipologia de construções particulares é aceite, talvez de influência madeirense mais directa.

O concelho de São salvador do Mundo conserva, ainda, a tipologia tradicional das habitações tradicionais cabo-verdianas, baseadas em um ou mais compartimentos cobertos de telha, quintal, cozinha e casas de animais estas, habitualmente, cobertas de colmo, constituem dependências à casa principal. (fig. 10).

Na sede do Concelho encontramos construções com um elevado nível arquitectónico, que eram propriedade privada ou da administração local.

Fig. 10 - Casa tradicional com mais de um compartimento.



Foto: autor

Ainda no interior do concelho em várias localidades encontramos, várias edificações que simbolizam a presença dos morgados ou de grandes proprietários, nesta localidade, e que conservam bons exemplos da arquitectura tradicional.

3.3.1- Valor simbólico

No entendimento de João Lopes Filho as habitações tradicionais ou populares, como são também designadas, enquanto elementos da cultura popular, representam o testemunho de

uma dada realidade histórica e exprimem a vida quotidiana, os papéis sociais e os níveis de desenvolvimento cultural dos actores, que incorporam o aglomerado humano a que dizem respeito.

A casa tradicional/popular como espaço residencial tem como finalidade responder a uma necessidade básica da família, que é a habitação. Através deste tipo de construção, do seu grau de acabamento, dos seus compartimentos, da busca ou não do conforto, do material com que foi e é habitualmente construída entre outros elementos objectivos, nomeadamente o seu recheio, vamos poder reconstruir o quotidiano das respectivas famílias.

No caso concreto das habitações tradicionais do Concelho de S. Salvador do Mundo constatamos que, os primeiros habitantes faziam parte do estrato social da população menos favorecida. A primeira, as casas de terra abatida, coberto de colmo, sujeito a humildade, concorria seguramente para a proliferação de doenças no seio das famílias que nela habitavam.

Como já tivemos a oportunidade de referir, na caracterização deste tipo de habitação, à medida que as condições de vida das pessoas foram melhorando ocorreram transformações que se espelham na diversidade de modelos deste tipo de edificações particulares. Os acabamentos e os tipos de materiais de construção, numa evolução que vai de pedra solta a pedra e cal e destes à utilização do cimento para dar maior solidez e resistência na estrutura da casa, também testemunham o nível de vida das pessoas e todo o dinamismo arrastado pelas evoluções posteriores. Outros aperfeiçoamentos que partiram da utilização da palha de cana para o recurso a “bidão” e depois à telha, também espelham o progresso global em vários sentidos, nomeadamente na busca de conforto, tais como: aquisição de melhor e mais recheio para a casa, introdução do piso assoalhado ou cimentado etc., permitindo que o espaço habitacional passasse a ter alguma aclimação e um certo conforto.

Por outro lado, encontramos construções com característica evoluída, como já tínhamos referido anteriormente, visto que essas habitações pertenciam aos senhores de terras ou seja morgados que dominavam praticamente esses territórios. No que diz respeito às casas tradicionais existente no centro de Achada Igreja (fig. 11) podemos afirmar que elas são propriedades privadas ou da administração local, mas tem que ver com a administração, justiça e serviços. Desta forma encontramos algumas casas tradicionais, mas já com melhorias significativas que serviam de residência, dos padres, pastores, também como posto sanitário e

escolas. Deste modo encontramos duas realidades no que concerne estas habitações, chamadas tradicionais.

Fig.11: Edifícios no centro do Concelho com um elevado nível arquitectónico.



Foto: Autor

Numa nota final, ocorre salientar que o facto da disposição das habitações tradicionais revelar um acentuado distanciamento umas das outras, comprova que estamos perante um povoamento disperso. O que de resto é característico do meio rural.

O concelho de S. Salvador do Mundo constitui exemplo típico em Cabo Verde para analisar a tipologia de habitações tradicionais em estudo.

Mas, o património construído do Concelho dos Picos, também se relaciona com o legado imaterial, nomeadamente as festas religiosas, sobre as quais passaremos a analisar no ponto que se segue.

3.4- A festa de S. Salvador do Mundo como atracção principal dos Picos: exemplo de um património imaterial.

Cultura típica do interior de Santiago com as suas profundas raízes africanas, esta festa é exemplo típico do património imaterial dos Picos.

Segundo as informações conseguidas nas nossas entrevistas aos cidadãos locais, S. Salvador do Mundo, constitui, ainda hoje, uma das festas religiosas mais pomposas da nossa ilha. A festa é celebrada duas semanas após a Pascoa, pelo que não tem um dia definido. Depende, pois, do calendário anual, mas o certo é que calha sempre nos fins-de-semana, uma vez que a Pascoa calha sempre aos domingos.

Antigamente a preparação da festa começava com meses de antecedência, na medida em que todos se preocupavam com a selecção de animais para a criação e posterior abate. Na semana precedente à festa, preparava-se os materiais para darem início à ornamentação da Igreja e de todo o espaço por onde passava a procissão. A construção das *barracas*⁴⁴ com flor de sisal, ramos de zinbroeiro e de coqueiro, também se iniciava nessa semana.

A preparação desta festa também era assinalada pela realização do pilão a fim de serem confeccionados pratos que incluíam o “xerém”⁴⁵, massa de milho e a farinha para cuscuz que veio a ser substituído pelo pão e pela bolacha, derivados de trigo que na altura não faziam parte da ementa Cabo-verdiana, devido ao fraco poder de compra.

A Igreja ficava mais movimentada na semana da festa. Os catequistas procediam à preparação dos grupos para a cerimónia, enquanto o sacerdote cumpria o seu dever de limpar as almas dos fiéis permitindo-lhes um estado de pureza necessário para a recepção das graças

⁴⁴ Pequenos botequins, onde as pessoas vendiam comidas, bebidas e faziam baile, a sua construção com flor de sisal, ramos de zimbreiros e de coqueiro, iniciava semana antes da festa.

⁴⁵ Prato típico da gastronomia Cabo-verdiana, feito de milho.

do senhor no dia da missa. Enfim, todos os cidadãos das mais diferentes localidades dessa freguesia viviam com euforia e entusiasmo a movimentação de “Nhu Senhor du Mundu”⁴⁶.

3.4.1- Os dias da festa (Sábado e Domingo)

Segundo os entrevistados, no sábado de “Nhu Senhor du Mundu”, o primeiro dia da festa, a agitação era mais acrescida. Os hóspedes que moravam mais longe começavam a mostrar-se nos vales, nas encostas e nos cumes dos montes. As mulheres e as crianças chegavam a pé, visto que na época os transportes eram insuficientes beneficiando apenas as povoações mais importantes. Os homens nos seus cavalos, mulas ou burros, alias, transportes mais comuns na época. Iam hóspedes de todos os recantos da ilha, com presentes portados exclusivamente pelas mulheres em balaies cheios de toda a espécie de produtos desde as hortaliças e legumes às gramíneas, como forma de darem o seu contributo para a festa. As mulheres eram recebidas com uma bacia de água morna para aliviarem do cansaço da longa caminhada a pé. Os homens relaxavam com um copo de aguardente, vista como uma forma de recepção dos amigos enquanto esperavam pelo café, caso não chegassem à hora das refeições.

Neste ritmo de movimentação providenciavam-se os ingredientes para o jantar começando pelo abate dos animais (bode, porco, galinha). Os legumes como a mandioca, a malanca e hortaliças diversas eram trazidos das hortas. Preparavam-se as bebidas, (o grogue a “churupia”⁴⁷) em vasilhas seleccionadas. Havia famílias mais abastadas que por essa ocasião demonstravam o seu poderio económico no abate de boi ou vaca.

Na noite de sábado, o céu brilhava mais do que de costume pelo efeito dos foguetes que eram lançados de lém a lém dando, assim, mais vida e mais sentido à festa. A faceta profana da festa ganhava mais realce nos divertimentos nocturnos, que começavam com os bailes do funaná e o batuco

O batuco era organizado no centro da povoação onde os hóspedes e visitantes aproveitavam, ao lado dos residentes para saborear os sons produzido com muita arte. Nessas

⁴⁶ É Santo Padroeiro da Freguesia do mesmo nome, patrono da majestosa Igreja matriz. O dia deste Santo Nome é, desde sempre, uma grandiosa festa senão a maior das que se realizam no interior de Santiago, dia de comunhão em que participantes de todas as camadas sociais vindas das mais diversas localidades da Ilha celebram de forma ímpar e emocionante a festa.

⁴⁷ Bebida resultante da mistura do grogue e calda.

noites por algum tempo, actuava batucadeiras de renome e muito solicitada, de entre eles destacamos a Samedá Borges, acompanhada das irmãs, todas residentes em Picos. Actuavam ainda batucadeiras de outras pontas da ilha, Nácia Gomi e a sua irmã Maninha Gomi. O batuco não se concentrava apenas no centro da população nessa noite. Afiguravam-se também em casas das localidades mais afastadas ganhando, então, um cunho mais familiar do que popular.

Os bailes do funaná eram feitos em quase todas as barracas cujas entradas eram pagas. Esses bailes em barracas cujo chão era de terra batida implicavam um refrescar com água, de vez em quando, para evitar que o pó tomasse conta do espaço. A embriaguez, a “selvajarias” o ciúme era quase sempre motivo para conflito, que às vezes, acabavam em pancadarias ou até mortes.

Todas essas actividades profanas associavam-se à “libertinagem” que ganhava relevo na embriaguez, no rapto das raparigas, no adultério, na prostituição. Enfim, atitudes e comportamentos imorais se descortinavam, por vezes, numa ou outra zona, evidenciando rotura em relação à dimensão sagrada.

A parte religiosa não fica isenta das actividades na véspera da festa. Os trabalhos da Igreja eram feitos em grupos que voluntariamente assumiam uma ou mais actividade a ser desenvolvida, neste caso a limpeza e a decoração e por último celebração eucarística à tarde.

No domingo, apareciam os últimos hóspedes, o pessoal levantava-se de madrugada orientado pelo cantar dos galos e iniciava os afazeres da casa indo à ribeira buscar água. Em seguida providenciava o café, o cuscuz, a cachupa guisada, os ovos e as filhoses. Quem ia à missa começava a preparar-se da melhor maneira possível para que pudesse estar bem apresentado nesse dia.

A concentração da multidão fazia-se no átrio da Igreja de onde partia a procissão. A Eucaristia iniciava às 12 horas, ao longo desta cerimónia o respeito era total, os homens que dela participavam não podiam beber e tiravam o chapéu quando o acto começava. A procissão era acompanhada de cânticos, repicar de sino, orações, desde a Igreja ao Cruz de Portal. O toque do sino tinha por objectivo chamar a atenção dos populares, prevenindo-os para o silêncio e para a cedência de passagem, bem como para a “compostura”. Os participantes

deste ritual primário da festa sagrada saiam organizados em grupos conforme as funções que desempenharam na Igreja:

1º- A Cruz Paroquial levada por dois Sacristãos,

2º- As crianças da pré-jac. (futuros jovens da Acção Católica),

3º- Os jovens e adultos trajados das cores azul-escuro e branco para identificarem associação a que pertenciam,

4º- As imagens de S. Salvador do Mundo e da Virgem Maria acompanhadas das bandeiras do primeiro e do Sagrado Coração de Jesus,

5º- Os sacerdotes, os acólitos e o Bispo,

6º- O povo,

A motivação, antes quebrada pela realização da missa, voltava a aumentar quando se ouvia: *“vamos em paz e o senhor nos acompanhe”*.

3.4.2- Festa de São Salvador do Mundo na actualidade

São notórias as transformações ocorridas na festa de São Salvador do Mundo. Se não vejamos:

Os grupos pertencentes às associações religiosas mantiveram-se nos preparativos da festa, mas agora acompanhados de juízes. A própria Igreja passou a permitir a participação dos mesmos em número mais elevado e sem restrição na sua admissão, exigindo tão-somente que seja pessoa ligada à actividades religiosas. Os juízes, tal como antes, assumem a ornamentação da igreja, apoiam as despesas da Igreja por essa ocasião e nomeiam os seus futuros substitutos. Também as confissões, os ensaios, a limpeza do recinto continuaram a preencher o leque de actividades desenvolvidas pela Igreja nessa data.

A decoração das ruas ainda é feita com a cooperação dos moradores, as barracas são ainda uma realidade mas já com fins reduzidos à venda, pura e simplesmente, de comida e de bebida. A animação é feita actualmente com gravadores e aparelhagem.

Na preparação da festa surgiram novos ingredientes como é o caso da batata comum, do arroz, do pão, da bolacha e do bolo de trigo. A “churupia” desapareceu tendo sido substituída por muitas outras refrigerantes de sabores vários. Já não se realiza o pilon para a obtenção do xerém e do cuscuz devido ao desenvolvimento que se verifica a nível das comunidades. Essa tarefa cabe agora às máquinas. Hoje, os convidados e hóspedes que vão na véspera, usam o transporte colectivo Hiace ou o privado. A preparação dos “manjares” hoje causa uma aflição diferente de antigamente.

Na noite de sábado, o entusiasmo aumenta com a movimentação de pessoas que vão de todos os lados de Santiago para usufruírem de um clima de confraternização e euforia. Os foguetes são ainda a companhia assídua destes dias festivos, principalmente, na noite escura de sábado. As faíscas desses foguetes nos mais deferentes lugares identificam as zonas da residência dos juízes, e não só solidarizando-se com dinamismo do ambiente.

A vivacidade pagã marca agora a sua diferença na noite do 1º dia de festa com bailes populares ao som do conjunto musical, com artistas de renome. Esses bailes são realizados no polivalente e em casas da música em que a entrada é paga e os bilhetes nunca sobram. Ao que parece, a mudança do tipo de diversão mudou um pouco o comportamento das pessoas. As frequentes brigas dos tempos de bailes de funaná deram lugar a uma relativa tranquilidade aos participantes e às próprias autoridades policiais. Nesta perspectiva, a “selvajaria” vem cedendo lugar à educação, à mudança de comportamentos.

No domingo, o segundo e o último dia de festa, a celebração da santa missa tem sido às 10:30m com a saída de precisão obedecendo a seguinte ordem:

- 1- A cruz é levada á frente pelos acólitos com incenso,
- 2- Todas as crianças, acompanhados dos respectivos responsáveis da catequese,
- 3- Os jovens com bandeiras da associação a que pertencem,
- 4- Homens e mulheres da acção católica com o seu símbolo,
- 5- Homens e mulheres do apostolado da oração com a bandeira do grupo,
- 6- O andor da nossa Senhora,
- 7- A bandeira de São Salvador do Mundo,
- 8- A imagem e a bandeira do sagrado coração de Jesus,
- 9- A legião de Maria com a sua bandeira,
- 10- O andor de São Salvador do Mundo,

- 11- Os juízes da festa,
- 12- O grupo coral da paróquia,
- 13- Os ministros da sagrada comunhão,
- 14- Os celebrantes, Padres e Bispo,
- 15- Todo o povo.

Ao longo da procissão, ouvem-se foguetes, o toque do sino, faz-se a oração e os cânticos novos acompanhados de instrumentos musicais. No ofertório, os envelopes fechados, as bandejas e cestos enfeitados com flores, são levados ao altar pelos juízes.

Após o término da missa, cada juiz reúne os seus convidados e dirigem-se para o almoço em casa. A festa prossegue-se nas casas, nas barracas, na rua, nos botequins, num clima de fraternidade que proporciona aos cidadãos desta comunidade o alargamento das relações e convívios com os presentes.

3.4.3- O prestígio da festa de S. Salvador do Mundo

A descrição feita até agora confere a festa de S. Salvador do Mundo uma posição de superioridade extrema através das manifestações socioculturais e religiosas desta freguesia em relação às outras festas. Conforme afirmam alguns populares, “*sima sinhor du mundo ka tem*”; “*festa de Nhu Sinhor du Mundu é só*”.⁴⁸ Contudo reconhecem a grandeza de outras festas de romaria desta ilha como a de Nhu Santiago, em Santa Cruz, a de Nhu Santo Nome ou Santíssimo Nome de Jesus, Cidade Velha, Nhu Santo Amaro no Tarrafal.

A importância desta festa reflecte-se na troca de experiências, na aquisição de novas amizades que se efectua através de convívios durante os dias de festa. As próprias autoridades governamentais atribuem importância a esta festa que vem facilitando esse relacionamento entre os conterrâneos da ilha, tendo como pano de fundo a ideia da revalorização das nossas raízes através da promoção de actividades competitivos entre os mais diversos grupos culturais.

Muitos crentes religiosos aproveitam esta ocasião para “pagarem as suas promessas” e, quiçá, novos pedidos ao padroeiro. Isso traduz nitidamente a fidelidade para com Cristo,

⁴⁸ Que é uma das manifestações culturais e religiosa mais pomposa da Ilha de Santiago

expressa pelos devotos. A importância desta festa também não se afasta da componente turística, dado que, nesses dias é notório um aumento de vendas em todas as lojas e botequins, antes abastecido para o efeito. A presença de emigrantes vai reforçar as receitas durante esses dias de festa. Muitos deles escolhem as férias nessa altura com o objectivo de nela tomarem parte, pois, trata-se do apogeu, em termos culturais, da paróquia em apreço. É para eles o momento de reencontro, de cumprimentar parentes e amigos.

A festa de S. Salvador do Mundo realça, de forma indubitável, o auge das manifestações culturais dos cidadãos locais e não só, que se reflecte através da música, da dança, do batuco, do funaná, e do finaçon.

CONCLUSÃO

A conclusão de um trabalho de investigação pode não significar necessariamente, o fim de um processo de investigação. Pode sim, significar o começo de uma nova etapa de investigação e é neste sentido que a conclusão a que chegamos não abeirou a esgotar o tema em análise.

Com a realização deste trabalho de investigação concluímos que é necessário conhecer a história de Cabo Verde para se poder contextualizar Picos e o seu património. Nota-se que há uma contradição em relação á fundação das freguesias de Santa Catarina e São Salvador do Mundo. Contudo, não desistimos de acreditar que a fundação da freguesia de S. Salvador do Mundo coincide com a construção da sua Igreja na primeira década do século XVIII (1706). Por isso propomos que questões desta natureza sejam estudadas mais à fundo a fim de melhor contribuir para o conhecimento da história destas ilhas.

Sobre os aspectos ambientais, apesar da paisagem de S. Salvador do Mundo ter sofrido uma espectacular transformação com as tarefas de reflorestação levados a cabo em várias localidades, há sectores que devem ser submetidos a restauração paisagística e ambiental. Um outro factor também importante é a aposta na manutenção das actividades agropecuárias tradicionais, tendo em conta que coloca a população em melhor posição na estrutura socioeconómica.

Por outro lado, cabe destacar a qualidade da arquitectura tradicional na sede do Concelho Vila de Achada Igreja, uma vez que concede identidade, valor histórico e estético ao lugar. E ainda dispersas pelo território do município também encontramos exemplo de boa arquitectura tradicional. A necessidade de sua catalogação e reabilitação é uma evidência que redundará no futuro desenvolvimento do Concelho, sem dúvida, do turismo rural (agro-turismo, turismo de natureza). Nesta perspectiva auguremos ter deixado pistas que despertam mais interesse sobre essas problemáticas em prol do desenvolvimento cultural do Concelho dos Picos.

A discussão sobre a preservação do património passa essencialmente pelo debate sobre o planeamento urbano e as formas de uso dos monumentos históricos. Nesse processo é importante a participação da comunidade, numa altura em que, relativamente ao Concelho dos Picos, tudo parece estar em cima da mesa para discussão.

Sendo assim, o município por estar mais perto das suas populações deve criar condições que dignifique o seu património, auscultando a população e assim fazer a inventariação das mesmas, procurando obter:

- a) Mapas e planos detalhados, mostrando a localização e os limites do património;
- b) Documentação fotográfica e/ou cinematográfica etc., podem ser juntas ao dossier com a devida identificação e indicação das fontes;
- c) Documentação histórica, recolhendo informações sobre: monumentos e os conjuntos (Período/s representados com data/s de construção e o nome do respectivo arquitecto; o estado inicial e as modificações posteriores).

No que concerne ao início dos festejos, os nossos entrevistados não puderam precisar-nos absolutamente nada, a não ser que: *“festa di Nhu Sinhor du Mundu dja dia ta fasedu.”* Por estas e outras razões, temos que nos contentar com as limitadas fontes humanas conseguida até ao momento.

No entanto, a existência dessas incógnitas, que poderão vir a ser objecto de um estudo posterior, não impedi que os cidadãos dos Picos expressem com espontaneidade o misto dos rituais (sagrados e profanos) associados ao seu modo de pensar, de ser, de agir ao desenvolvimento da comunidade em causa, a todos os níveis.

Finalmente, dizer que este trabalho constitui um desafio aliciante e oxalá a partir dele possamos, no futuro, desenvolver outros projectos sobre esta matéria, dando assim um melhor contributo para o estudo do património deste Concelho.

BIBLIOGRAFIA GERAL

- ALMEIDA, Germano. *Cabo Verde, Viagem pela Historia das Ilhas*. 2003.
- AMARAL, Ilídio. *Santiago de Cabo Verde: A Terra e os Homens*. Lisboa. 1964.
- ANDRADE, Elisa. *As ilhas de Cabo Verde, da «descoberta» a independência nacional*. Lharmattan, Paris 1996.
- BARCELOS, Christiano José de Sena. *Subsídio para a História de Cabo Verde e Guiné*. vol. IV, V, VI. Lisboa. Tipografia da academia geral das Ciências. 1900.
- BETTENCOURT, António Pedro Mendes. *Auto-construção assistida na produção de habitação popular a baixo custo*. In: **Revista Construção**. Nº 3, semestral Ano II. Julho de 2000. Praia, Republica de Cabo Verde.
- CARREIRA, António. *Cabo Verde: Formação e Extinção de uma Sociedade Escravocrata, (1460-1878)* 3ªed. Instituto de Promoção Cultural Praia Dezembro de 2000.
- CARREIRA, António. *Noticia Corographica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde*. Instituto Cabo-verdiano do livro, Lisboa, 1985.
- ÉVORA, Dom Paulino. *História da Igreja de Cabo Verde/ 450 anos da Igreja em Cabo Verde*. Praia, Janeiro de 1983.
- ÉVORA, José Silva. *O Património Arqueológico Cabo-verdiano: Situação actual da questão*. In: *Africana* Nº 6 (Especial). 2002. Universidade Portucalense / Arquivo Histórico de Cabo Verde.
- ESPERANÇA, Eduardo Jorge. *Património e comunicações: Políticas e Práticas Culturais*. Cruz Quebrado. Vega 1997.

- FREIRE, Verónica dos Reis. *A Experiência Cabo-verdiana no domínio do património*. In Revista Africana. Nº especial. Port. Universidade Portucalense. 1993.
- JANSOM, H.W. *Historia da Arte*. Lisboa Fundação Calouste Gulbenkian. 1992.
- VARIOS, *Historia Geral de Cabo Verde* (Coordenação de Maria Emília Madeira Santos), vol. I, Lisboa, 1991.
- LOPES FILHO, João. *Defesa do Património Sociocultural de Cabo Verde*. Lisboa, Ed. José A Ribeiro. 1985.
- LOPES FILHO, João. *Introdução à Cultura Cabo-Verdiano*. Instituto Superior de Educação – Republica de Cabo Verde. Praia, 2003.
- LOPES FILHO, João. *Subsídios para um Levantamento Cultural*. Lisboa. Plátano Editora. 1981.
- VASCHETTO, Bernardo P. *Ilhas de Cabo Verde origem do povo Caboverdiano da Diocese de Santiago de Cabo Verde: Situação humana e eclisial (1973-1986) à luz duma documentação histórica (1460-1700)*. Farol, Boston 1987.
- VIERA, Henrique Lubrano de Santa Rita. *A vila de Assomada*, Praia. Associação dos Amigos do Concelho de Santa Catarina. 1993.

BIBLIOGRAFIA TEMÁTICO

- DORLING, Kindersley. Dicionário Visual da Arquitectura. Lisboa. Editorial verbo 1993.
- LUCIE SMITH, Eduard. Dicionário de termos de arte. Lisboa. Círculo de Leitores. 1990.
- MOURRE, M. Dicionário de historia Universal. Paris ed. Asa Literatura 1991
- RODRIGUES, Moacyr. Em defesa do património construído. In A Semana. Ano III. 28 de Maio de 2004.
- B.O Lei nº102 /III/90 de 29 de Dezembro, Praia Imprensa Nacional. 1990.

Anexos

No sentido, de melhor conhecer a História e o Património do Concelho dos Picos optamos pela análise e inventariação do património natural e construído ali existente e também a descrição de uma das manifestações culturais de Santiago – a festa de S. Salvador do Mundo.

Para o efeito, realizamos entrevistas com vários residentes deste Concelho a fim de nos informarem sobre as edificações antigas nesta localidade, história e o que tem sido a festa de S. Salvador do Mundo ao longo dos tempos. Foram feitas as questões que nos serviram de guião.

Guião de Entrevista: 1

- 1- Gostaríamos que nos falasse da fundação desta freguesia tendo em conta os seguintes tópicos:
 - a)- Quando foi criado;
 - b)- Onde fixaram os primeiros núcleos e porquê a designação
 - d)- Quando que a Igreja de S. Salvador do Mundo foi construído
 - e)- Qual o seu valor simbólico
 - f)- Outras edificações importantes

- 2- Quando começou a festejar este padroeiro e como tem feito a preparação desta festa considerando:
 - a)- a data do inicio dos festejos
 - b)- tempo de preparação
 - c)- actividades que são realizadas dentro e fora da igreja
 - d)- o comportamento das pessoas ao longo desta festa

- 3- Diga-nos quais os dias mais importantes da festa mencionando algumas realizações ligadas:
 - a)- a celebração
 - b)- à gastronomia
 - c)- às diversões
 - d)- às vendas e receitas

- 4- Qual o valor desta festa para o cidadão dos Picos

O pároco local – Carlos Varela.

- 1- Não sei nada sobre o início do povoamento dos Picos, só sei que a igreja foi construída há séculos e segundo alguns documentos escritos foi no século XVIII.

Ao que tudo indica o primeiro núcleo foi Achada Igreja. O que prova isso são alguns edifícios construídos com elevadas valores arquitectónico e histórico que foram as antigas residências dos administradores ou das pessoas da classe média. Também encontra – se ali a famosa Igreja de São Salvador do Mundo que simboliza a transferência da sede não oficial do Governo de então Ribeira Grande para Picos, e que veio a dar a formação do concelho de Santa Catarina.

A Igreja é o símbolo da presença de Deus numa comunidade. Tanto é que, “todos” a veneram quando junto dela passarem. É um lugar onde os fiéis se reúnem para pedir, louvar e agradecer a Deus, manifestando deste modo, o elevado respeito por um lugar sagrado, próprio para o culto. A cruz simboliza o sofrimento, por um lado, (lembrando a angústia de Cristo quando carregava a cruz sobre os seus ombros) e, por outro lado a redenção. Pois, Cristo padeceu e foi crucificado pelos nossos pecados, e para nos salvar.

- 2- Não sei nada sobre o início desta festa aqui nos Picos pelo facto de não haver nenhum testemunho escrito que se refere a ela.

Também nunca soube exactamente quando se começou a festejar este padroeiro, mais uma vez por não haver documentos algum que fale sobre isso. Parece que sempre foi comemorado no segundo Domingo após à pascoa.

Quanto aos preparativos começava a limpeza, a pintura da igreja, ensaiavam-se os cânticos que iam acompanhar a missa. As ruas são enfeitadas com ramos de coqueiro, flores e outros artigos de decoração.

- 3- Para a igreja os dias mais importantes são Sábado e Domingo. No sábado à tarde celebra a eucaristia. No Domingo a precisão é acompanhada de foguetes, cânticos, orações, e o repicar do sino.

A ordem seguida pelos grupos durante a precisão actualmente é o seguinte:

A cruz paroquial; as crianças; os jovens; as imagens de São Salvador do Mundo e da Virgem Maria com bandeiras de São Salvador do Mundo e do sagrado coração de Jesus, homens e mulheres da Acção Católica e do apostolado de oração com bandeiras dos seus grupos; o andor da Nossa Senhora; as bandeiras da Legião de Maria; o andor de S.S.M; os Juízes; o grupo curral; os Ministros da comunhão; Padres e Bispo; o povo.

- 4- É uma festa importante como tantas outras realizadas aqui na ilha de Santiago. Para a igreja a importância primeiro é a visita do Bispo de Cabo Verde a esta freguesia e de outros padres. Fora da igreja esta festa tem valor do ponto de vista turístico, pois nesta festa há sempre uma grande receita para os Picos. Há convívios com pessoas doutras localidades, emigrantes, visitantes e convidados dos residentes.

Cândida S. Brito e Saturnino Moreira (67/70).

Achada Leitão

- 1- Não sei quando foi criada e nunca ouvi falar. É provável que o senhor padre saiba ou alguém que trabalha na secretaria paroquial. Sobre o nome S. Salvador do Mundo também não sei. Mas dizem que a sua imagem tinha sido encontrada num lugar isolado onde hoje é Achada Igreja. Foram coloca-la na capela no Ilhéu e no dia seguinte ela estava novamente lá. Foi por isso que a sua igreja foi lá construída.

Penso que foi Achada Igreja, pela existência de algumas casas bastantes antigas nesta localidade, sobretudo a igreja.

A igreja é um lugar onde os fiéis se reúnem para pedir, louvar e agradecer a Deus, manifestando deste modo, o elevado respeito por um lugar sagrado, próprio para o culto.

- 2- Também não sei quando foi o início da comemoração de S. Salvador do Mundo. Só posso dizer que começou há mais de um século.

A festa era preparada com o tempo suficiente para se preparar os animais a serem criados para o abate quando não se pensava em compra. Até nas plantações de mandioca e outros legumes para a festa se pensava com antecedência. Fazíamos o

pilón a que em casa por esta ocasião porque desde sempre temos tido muitos hóspedes. Assim preparávamos a farinha para o cuscuz, amassa de milho e o xerém. Nesse tempo não se dava muita importância ao arroz, nem ao pão nem à bolacha. O trigo era produto para quem tinha dinheiro.

Na semana da festa o centro da povoação ficava mais movimentado com a ornamentação da igreja e da rua por onde passava a procissão com ramos de coqueiro. Começava a reunião de grupos religiosos onde iam receber as instruções sobre as tarefas que iam desenvolver na igreja. Havia também ensaios de acólitos, cantores que ajudavam o pároco na missa. O pároco fazia confissões três ou quatro dias antes para purificar as almas. Faziam também barracas de ramo de coqueiro e de zimbroeiro onde se vendia comida e bebida e onde se fazia bailes.

3- Os dias mais importantes da festa são Sábado e Domingo

Os hóspedes chegavam de todos os lugares a pé, a cavalo ou de burros e mulas porque não havia muitos transportes nem boas estradas. Quando chegavam lanchavam enquanto esperava pelo jantar ou almoço. Depois do jantar, como tínhamos muitos hóspedes fazia o batuco em casa para divertir os nossos hóspedes. Comíamos e bebíamos ao longo da noite. Os que não quisessem ficar iam a Achada Igreja para os bailes de funaná. Nesses bailes havia, de vez em quando, conflitos que terminava em tragédia.

De madrugada as mulheres iam à ribeira e depois preparava o café, cachupa guisada, ovos, filhós, cuscuz e leite coalhado para o pequeno-almoço. Depois disso os que iam assistir a missa das 12 horas começavam a arrumar-se. A concentração era no átrio da igreja donde partia a procissão até à Cruz de Portal. Saíam em grupos a partir das crianças, jovens, adultos e sacerdotes. Levavam bandeiras dos grupos, de Nossa Senhora de S. Salvador. A procissão partia-se com o toque cadenciado do sino da igreja, dos cânticos e dos foguetes.

Hoje os transportes tornaram-se numerosos e mais fáceis bem como as vias de comunicação. As pessoas já não vêm aqui a pé ou a cavalo. As diversões também mudaram passando do ferro e gaita, do batuco e do funaná para gravadores e

aparelhagem. A decoração do espaço destinado à procissão e a igreja continuaram da mesma forma.

- 4- Sendo a festa mais pomposa da ilha, o seu prestígio passa pelo convívio com pessoas de diversas localidades, permitindo assim novas amizades e experiência. Também a sua importância é nítida pela presença da autoridade máxima da nossa diocese que vem à nossa freguesia nessa ocasião. Alguns crentes aproveitam esta festa para agradecerem o padroeiro e fazerem novas promessas. É nessa altura que muitos emigrantes vêm visitar os familiares os amigos e conhecidos, sem falar da receita que deixam à comunidade.

Vitoria Borges dos Reis (50)

Leitãozinho

- 1- Nunca soube nada que se relaciona com a sua fundação. Se existe algum documento pode-se encontrar na igreja. É também difícil dizer quando que a igreja foi construída. No que diz respeito à designação, S. Salvador do Mundo, todos sabemos que se trata de Jesus Cristo que veio ao mundo para nos salvar. Dai, nome S. Salvador do Mundo.

A igreja simboliza a religiosidade do povo. Lugar de veneração e do culto. Por várias localidades encontramos casas antigas, sobretudo em Achada Igreja.

- 2- É difícil dizer quando começou a festejar este padroeiro já que nem os mais velhos têm ideia alguma acerca disso. Mas o certo é que celebra no segundo domingo depois da Pascoa.

Para muitos a preparação começava com a selecção dos animais para o abate por essa ocasião e a preparação dos trajes. Na semana da festa começava os preparativos tanto dentro como fora da igreja. Os populares residentes começavam a receber os hóspedes a partir da sexta feira mas em maior numero no sábado. Hoje, os transportes são bons e numerosos, as estradas são relativamente boas, pelo que ninguém vem a pé ou a cavalo como antigamente.

Os lojistas aproveitavam esta ocasião para encher as suas prateleiras com toda a espécie de produtos, desde os alimentos aos cosméticos e de limpeza. Também improvisam bares e restaurantes no mesmo espaço no intuito de conseguirem uma boa

receita. A comida aí preparada inclui pratos comuns nestas festas (o guisado, o feijão com toucinho, o xerém o arroz) e bebidas nacionais e estrangeiros na sua maioria frescas.

3- Os dias mais importantes desta festa foram sempre sábado e domingo.

No sábado chegam mais hóspedes e, por isso, a preocupação em casa é maior. Começava-se a preparar o jantar, a noitinha o cheiro bom espelha-se por todos os lados denunciando os pratos preparados para o jantar: a cabidela, a cachupa com fava e carne salgada, o guisado, arroz e/ ou xerém, acompanhados com bebidas. Depois do jantar parte-se para o baile que se faz na Achada Igreja, antes ao som de fero e gaita, baticão e de gira-discos e, ultimamente, com gravadores, aparelhagem.

No domingo chegava os últimos hóspedes de modo que a preocupação ainda é maior. Levantam-se para preparar o pequeno-almoço onde o café, o cuscuz, o pão, a bolacha, a cachupa guisada, os ovos fritos atraem os apetites das pessoas. A eucaristia inicia às 10:30 horas, com a concentração no átrio para a procissão. Os grupos colocam em ordens, partindo das crianças, jovens, imagens, juizes, sacerdotes, bispo e o povo. No fim da missa os juizes reúnem os seus convidados e partem para as suas casas, continua a festa.

4- *“sima sinhor du mundo ka tem”*; *“festa de Nhu Sinhor du Mundu é só.”* Contudo reconheço a grandeza de outras festas de romaria desta ilha como a de Nhu Santiago, em Santa Cruz, a de Nhu Santo Nome ou Santíssimo Nome de Jesus, Cidade Velha, Nhu Santo Amaro no Tarrafal. É uma festa que reúne pessoas de todos os pontos da ilha e não só, também os emigrantes marcam as suas férias por esta ocasião a fim de poderem conviver com os familiares e amigos. A presença da entidade máxima da nossa diocese é uma constante nesta festa pelo que a mesma ganha algum prestígio em detrimento de algumas outras. Muita gente aproveita o dia da festa para fazer pedido e pagar promessas ao padroeiro.

Entrevista com artesãos: 2

Localidade: Picos

- 1- Além de artesanato, pratica outra actividade? (quais)
- 2- Que materiais são necessários para a feitura dos cestos?
- 3- Onde e como consegue adquirir essas matérias prima? (se for distante, qual o meio de transporte utilizado?)
- 4- Há quanto tempo dedica a essa actividade? Porquê?
- 5- Com quem aprendeu essa actividade?
- 6- Já ensinou alguém a fazer essa actividade? (para que possam fornecer ao mercado produto em quantidade e de qualidade / para não desaparecer)?
- 7- Essas pessoas são familiares ou estranhos? (porquê)?
- 8- Que tipos de objectos/cestos confecciona?
- 9- Que modelos são de mais fácil fabrico? E os mais difíceis?
- 10- Acha que no futuro essa actividade terá grande impacto? (sabendo que se usa alguidares em vez de cestos/ balaies)
- 11- Tendo em conta que as condições naturais influenciam, por vezes, na aquisição de matérias-primas, que fazer em caso de seca?
- 12- Os cestos poderão ser feitos à máquina? Como?

Respostas

A - Benvindo Lopes 46 anos – Achada Leitão

- 1- Sim. Agricultura e pecuária, que são mais rentáveis.
- 2- Carris, fita, varra de lantuna ou de jardim
- 3- Comprar carris nas ribeiras da localidade, fita na cidade da Praia e tara em Santa Cruz.
- 4- Há trinta e dois (32) anos.
- 5- Aprendi com o pai já idoso.
- 6- Sim. Para não acabar mas também para ganhar o pão tendo em conta que não há emprego.
- 7- Sim. Ensinei aos meus filhos.
- 8- Faço balaies de tenter e balaio grande. Também faço de ornamentação mas isso só quando me for encomendado.
- 9- Os de mais fáceis fabricos são os utilizados nos trabalhos domésticos.
- 10- Sim. Poderá ser lucrativo uma vez que os jovens não querem dedicar-se a esta actividade.
- 11- Em caso de seca quase não se nota a falta porque esses materiais são do sequeiro.
- 12- Não. Até agora só se faz a mão. Só se vierem a inventar mais tarde.

B - Gualdino Monteiro 82 anos - Achada Leitão

- 1- Sim. Agricultura e criação de gado. Mas também já fui pedreiro.
- 2- Carris, tara, fita, varas de lantuna ou jardim.
- 3- Não compro carris, mas em contrapartida dou alguns balaies aos donos do lugar onde tiro esse material. Só compro tara em Santa Cruz e fita na cidade da Praia. As fitas mais seguras são as da cor azul.
- 4- Há sessenta e oito anos.
- 5- Aprendi com o meu pai.
- 6- Para perpetuar e ganhar pão em vez de ficar parado.
- 7- Sim. Ensinei à filha que mostrou muito interesse em aprender.

8- Faço balaio de tenter e balaio grande. Também faço Os de ornamentar. Mas esses só os emigrantes me encomendam.

9- O de mais fáceis fabricos é o balaio grande que é feito só com carris. Os mais difíceis são os de ornamentação.

10- Isso depende.

11- Em caso da seca as dificuldades serão apenas em adquirir a tara, porque muitos coqueiros já secaram. Por isso as vezes desloco-me duas vezes e regresso sem o material.

12- Não. Os cestos não podem ser confeccionados à máquina. Se um dia tiver que ser feito eu comprarei essa máquina porque sinto-me aborrecido sem esta actividade.

C- António Pereira 40 anos - Manhanga

1- Sim. Agricultura e pecuária.

2- Carris, tara, fita e varras.

3- Carris têm na minha propriedade. Só compro fita na cidade da Praia e tara em Santa Cruz.

4- Comecei com nove anos quando estudava a terceira classe.

5- Aprendi com a minha mãe. Ela aprendeu com o pai que terá nascido em 1886.

6- Ainda não. Porque ninguém quer dedicar-se a esta actividade. Há quem sabe fazer mas não faz.

7- Faço para vender e custear as despesas da minha família.

8- Faço todos os tipos.

9- Os de mais fáceis fabricos são os (balaio grande)

10- É lucrativo. Pois, consigo fazer cinco cestos num dia. Desde cortar carris até ficar pronto.

11- Só se a seca for prolongada. Isso porque o carris da sem chover.

12- Não creio que venha acontecer.

Análise de dados

Das perguntas efectuadas aos entrevistados, as respostas por vezes são coincidentes mas outras vezes nem por isso. Podemos constatar que essa actividade não é dedicada a tempo inteiro pelos artesãos, ou seja é uma actividade complementar à agricultura e criação de gado. Isso porque, segundo uns, não é muito rentável mas é uma forma de ocupar o tempo (de forma racional) ganhando o pouco que contribui para as despesas da família; Um outro tem a opinião contrária, isto é, defende que mais do que ocupar os tempos livres, é uma actividade que se si dedicar com determinação é rentável que responde pelas despesas da família. Até dá exemplo com os filhos que tem a estudar no ensino secundário, cujas despesas são custeadas com receita arrecadada pela venda dos cinco (5) balaies que confecciona por dia. Apesar de ter que fazer algumas despesas na aquisição de alguns materiais como a tara e a fita e, em alguns casos com os carris.

Entretanto, constatamos que os jovens não querem aderir a essa pratica, talvez por ser pouco rentável, por ser cansativo ou, segundo nos deixa entender os entrevistados, por complexo. Tudo isso, poderá levar ao seu desaparecimento o que consideramos que tinha razão de ser, visto que se pensarmos na questão da matéria-prima, não constitui problemas mesmo em anos de pouca chuva. - Dizem os entrevistados. E por ser uma actividade manual, não terá concorrente maquinaria.

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA



Dragoeiro, planta endémica da localidade dos Picos. Normalmente ela é utilizada na medicina tradicional.



Espécie vegetal endémica, o Poilão (*Ceiba pentandra*) na localidade de Leitãozinho, servindo de espaço de nidificação da ave endémica Garça Vermelha de Santiago (*Ardea purpúrea bournei*). É o exemplo das árvores emblemáticas de Cabo Verde que precisam de ser mantidas e conservadas.



O monte Marquês de Pombal, uma chaminé fonolítica que lembra vagamente a estátua lisboeta do Marquês, paralelo estabelecido pelos emigrantes dos anos setenta, que das obras da construção civil viram o seu monte dos Picos na estátua do Marquês e seu leão companheiro. Este monumento natural constitui a figura mais emblemática do Concelho pela sua forma curiosa, valor científico e nicho ecológico de endemismos.



Casa de um grande proprietário rural, fixada no interior do Concelho dos Picos, no ilhéu. Sobre a data da sua construção não podemos afirmar com precisão como gostaríamos, mas cremos que é do século XIX e que agora pertence ao senhor Alfredo.



Pertencia ao senhor Joaquim Correia grande proprietário tinha lojas vendia produtos diversos. Por não ter nenhum documento, se não as pessoas, não podem com justeza falar mais sobre este património construído. Mas, cremos que para além da loja também desempenhou outras funções como correio e mais tarde passou a funcionar como minimercado, função que acabou por alterar a sua fisionomia. Hoje os herdeiros pensam na sua destruição para a construção de um novo edifício.